



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS I**  
**CURSO PEDAGOGIA**

**Edileuza Pamponet Cerqueira dos Santos**

**Projeto Pedagógico da Escola Municipal Eugênia**  
**Anna dos Santos**

**Salvador**

**2010**

**EDILEUZA PAMPONET CERQUEIRA DOS SANTOS**

**PROJETO PEDAGÓGICO DA ESCOLA MUNICIPAL  
EUGÊNIA ANNA DOS SANTOS**

Monografia apresentada como requisito para  
obtenção de Graduação em Pedagogia do  
Departamento de Educação da Universidade  
do Estado da Bahia, sob a orientação da  
Professora Cláudia Silva de Santana.

**Salvador**

**2010**

**EDILEUZA PAMPONET CERQUEIRA DOS SANTOS**

**PROJETO PEDAGÓGICO DA ESCOLA MUNICIPAL  
EUGÊNIA ANNA DOS SANTOS**

Monografia apresentada como requisito para  
obtenção da graduação em Pedagogia do  
Departamento de Educação da Universidade  
do Estado da Bahia, sob orientação da  
Professora Cláudia Silva de Santana.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Dedico este trabalho aos que direta ou indiretamente contribuíram para sua realização, em especial, Sr. João Cerqueira dos Santos (meu pai).

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter me dado força para concluir este trabalho, aumentando assim, o meu desejo de superação e à minha família, que deposita em mim toda confiança, acreditando na minha vitória. Também agradeço a todas as pessoas que ajudaram, incentivando durante toda a minha caminhada pessoal e profissional.

Aos professores mestres e doutores que a mim repassaram seus conhecimentos, fazendo que meu desenvolvimento fosse o melhor possível.

Aos meus colegas de curso e disciplinas que compartilharam comigo seus conhecimentos.

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram ou torceram pela concretização desta pesquisa.

Dizer que os homens são pessoas e, como pessoas, são livres, e nada concretamente fazer para que esta afirmação se objective, é uma farsa. (FREIRE, Paulo, 2007, p.40)

## RESUMO

A pesquisa presente procura evidenciar a proposta do Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, o *Irê Ayó*, que conta a história dos negros através dos mitos africanos, buscando resgatar, preservar e propagar a cultura africana e afro-brasileira, levando em consideração as vivências de uma comunidade negra que preserva as raízes africanas, e vivem no Terreiro de Candomblé, *Ilé Axé Opó Afonjá*, no bairro do São Gonçalo do Retiro, Salvador-BA. Para a composição do referencial teórico, utilizaram-se diversos escritos que tratam da educação, do resgate da cultura africana e da experiência de se inserir no currículo escolar a História da África e da Cultura Africana e Afro-Brasileira, destacam-se dentre estes Santos e Luz (2007), Petrovich e Machado (2004), Silva (2004), Santos (2008) e Santos (2009). Esta é uma pesquisa qualitativa, bibliográfica-documental, com utilização de um estudo de campo em que foram aplicados entrevistas e questionários com professores e alunos, além da observação *in loco*.

**Palavras-chave:** Educação, Projeto Pedagógico, Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, História e Cultura Africana e Afro-Brasileira.

## ABSTRAT

This research identifies the political pedagogical project proposal of the municipal school Eugênia Anna dos Santos, the Irê Ayó, which tells the story of blacks through the African myths, preserve and propagate African culture and african-Brazilian, taking into experiences of a black community that preserves the roots and live in the African Candomblé place Ilê Axé Opó Afonjá in the neighborhood do São Gonçalo do Retiro, Salvador Bahia. The composition of the theoretical framework, we use several works that deal with education, African culture and the experience of entering school curriculum in the history of Africa and African culture and Afro-Brazilian stand out among these Santos e Luz (2007), Petrovich e Machado (2004), Silva (2004), Santos (2008), e Santos (2009) . This is a qualitative research, bibliographic and documentary, using a field study in which interviews and questionnaires were applied with teachers and students, in addition to the analysis in loco.

**Keywords:** Education, Project School Hall Eugênia Anna dos Santos and African Culture and Afro-Brazilian.



# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	9
<b>2 OS CAMINHOS DA PESQUISA</b>	12
<b>3 SITUANDO A ESCOLA MUNICIPAL EUGÊNIA ANNA DOS SANTOS.</b>	15
3.1 A ESCOLA DENTRO DE UM TERREIRO DE CANDOMBLÉ	21
3.2 OS TERREIROS DE CANDOMBLÉ DA BAHIA	27
<b>4 PROJETO PEDAGÓGICO DA ESCOLA MUNICIPAL EUGÊNIA ANNA DOS SANTOS</b>	34
4.1 O PROJETO PEDAGÓGICO QUE REVELA A MITOLOGIA AFRICANA	40
4.2. OS PROFESSORES DA ESCOLA EUGÊNIA ANNA DOS SANTOS	43
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	49
<b>REFERÊNCIAS</b>	52

## 1 INTRODUÇÃO

A finalidade desta pesquisa é a apresentação do Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, O Projeto *Irê Ayó*<sup>1</sup>, que desenvolve atividades de vivência pedagógica e tem por objetivo fortalecer os valores civilizatórios no processo educativo de crianças afrodescendentes, que possibilita a formação de cidadãos conscientes e atuantes na sociedade, tendo como referencial a história, mitos e valores da cultura afro-brasileira do *Ilê Axé Opó Afonjá*<sup>2</sup>.

Em Salvador, no bairro de São Gonçalo do Retiro no Terreiro de Candomblé *Ilê Axé Opó Afonjá*<sup>3</sup>, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 28 de julho de 2000, está inserida a Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos que desenvolve um trabalho diferenciado, sem menosprezar o projeto da Rede Municipal de Ensino, pois há itens básicos que precisam ser seguidos e sem deixar de lado as exigências do mesmo.

A escola trabalha com o Projeto *Irê Ayó* de Carlos Petrivich e Vanda Machado, o qual é resultado da parceria da Comunidade do Terreiro Ilê Axé Opó Afonjá e da Secretaria Municipal de Educação Cultura, o Projeto faz uso dos mitos africanos no processo de ensino-aprendizagem das crianças afrodescendentes, e isso merece destaque, pois, em 2003, no governo do então Presidente Luís Ignácio Lula da Silva, foi implementada a lei 10.639/03 que tornou obrigatório o estudo da História da África e da História e Cultura Afro-brasileira nas escolas de todo o país.

É interessante destacar, no entanto, que a Escola Eugênia Anna dos Santos trabalha com esse Projeto desde 1999, antes da implementação da lei 10.639/03, pois, já se havia percebido a necessidade dos alunos afrodescendentes saber sobre as suas raízes, para sobreviver numa sociedade que não costuma valorizar a cultura *nagô*.

---

<sup>1</sup> *Irê Ayó*, segundo Petrovich e Machado (2004), significa caminhos da alegria.

<sup>2</sup> *Ilê Axé Opó Afonjá*, conforme Santos e Luz (2007), significa a casa de força sustentada por Xangô.

Inserido nesse contexto, surge a idéia de desenvolver o trabalho de pesquisa com tema **O Projeto Pedagógico da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos**. Seu valor resulta do fato de se tratar de um projeto que destaca a importância do aprender, tendo como base a cultura africana, já que ela é tão forte na formação do povo brasileiro.

Esta pesquisa nasce da seguinte questão: **Qual a proposta da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos no de que diz respeito a inserir o estudo da história e cultura africana no contexto escolar?**

O projeto *Irê Ayó* aplicado na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos possibilita que a mesma faça a aproximação do aluno negro com as suas raízes, valorizando a sua cultura, para que ele sinta-se sujeito que faz parte da história do nosso país.

É importante também para o Projeto *Irê Ayó* que o professor seja um transformador e consiga fazer a ponte entre o aluno e o conhecimento, fazendo uso de um diálogo mediante o qual o aluno possa entender os significados culturais no seu dia-a-dia. Daí a necessidade de conhecer como é a formação dos professores da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos para o desenvolvimento da presente pesquisa.

Na sociedade em que vivemos, onde o negro sempre sofreu preconceito e discriminação, é necessário promover a igualdade entre as pessoas oferecendo as mesmas condições para inserção social, independente do gênero, raça, orientação sexual, classe social, enfim, todas as diversidades existentes, pois cada pessoa traz a sua bagagem histórica a qual precisa ser respeitada.

A aplicação do Projeto *Irê Ayó* no processo educativo propõe melhorias, a partir do momento que valoriza a cultura do negro, e isso é feito de forma bem natural levando o aluno a se reconhecer e se aceitar enquanto afrodescendente numa sociedade que implantou a cultura branca no processo de aprendizagem, menosprezando as raízes africanas, por isso a importância desse estudo para a sociedade.

As pesquisas são essenciais para a Ciência, pois, é através delas que se confirma uma teoria, a qual passa a ser um conhecimento. Essa busca que se faz para entender o que se passa a sua volta para promover uma transformação social requer a conscientização dos valores civilizatórios necessários às relações sociais e, também, o resgate dos valores humanos e éticos para o desenvolvimento e a formação do cidadão pleno.

Esta monografia está dividida em 4 partes. No primeiro capítulo está a parte introdutória em que se apresentam os itens que sustentam a presente pesquisa. No segundo capítulo estão descritos os caminhos percorridos para a obtenção dos dados e os métodos utilizados para a realização deste trabalho. No terceiro capítulo, discute-se a criação da Mini Comunidade *Obá Biyi*<sup>4</sup> até a sua transformação na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, assim como a importância desta escola dentro do Terreiro *Ilê Axé Opó Afonjá* e o surgimento dos Terreiros de Candomblé na Bahia. No quarto capítulo discute-se aspectos sobre o Projeto Pedagógico *Irê Ayó* na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos e o uso dos mitos no processo de ensino-aprendizagem e a sua contribuição também na formação dos professores desta escola. E finalmente, as considerações finais, com esperanças de uma educação que atenda a todas as demandas da população brasileira.

No conteúdo destes capítulos estão reunidos as explicações que respondem às questões que surgiram a partir da escolha do Tema: **O Projeto Pedagógico da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos**, questões estas que surgiram no primeiro contato com a referida escola para desenvolvimento de trabalhos exigidos pelo curso de Pedagogia- Anos Iniciais da Universidade do Estado da Bahia.

---

<sup>4</sup> *Obá Biyi*, segundo Santos e Luz (2007), significa o rei nasce aqui. Nome religioso de Mãe Aninha e também do projeto que deu início a Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos.

## 2 OS CAMINHOS DA PESQUISA

O presente capítulo tem por objetivo descrever as técnicas utilizadas no levantamento de dados e na constituição do *corpus* da presente pesquisa, esclarecendo de que forma estas foram aplicadas.

A escolha do tema **O Projeto Pedagógico da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos** se deu a partir da realização do trabalho de co-participação exigido como avaliação parcial para aprovação da disciplina Estágio Supervisionado I, do curso de Pedagogia – Anos Iniciais, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que foi desenvolvido na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, em 2009.

Em abril de 2010, voltou-se à Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos para realizar o estágio obrigatório para avaliação final da disciplina Estágio Supervisionado II, do referido curso e instituição, e então pode-se participar das atividades da escola. Vale registrar que muitos são os elementos que configuram a riqueza e a diversidade da escola, tais como a arquitetura, a ornamentação, as atividades.

Nessa perspectiva, desenvolveu-se uma pesquisa de natureza qualitativa, já que não foi utilizado nenhum instrumento estatístico, mas, as impressões do presente pesquisador, as quais derivam das análises de observações, da consulta a alguns materiais, tais como fotos e vídeos, além de entrevistas realizadas com alunos e com uma professora.

Acreditamos na pesquisa qualitativa como uma forma de maior aproximação da realidade. A análise de conteúdo por sua vez, reduz o risco de enquadrarmos forçosamente a realidade em modelos na medida em que, pelo procedimento que adota, permite que questões não suscitadas possam emergir no avanço da pesquisa. (SANTOS, SOARES, FONTOURA, 2004).

A realidade foi mostrada através dos estágios na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, e foi possível realizar a observação direta, o que ajudou no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado. Lüdke e André, (1986, p.26) descreve esse contato:

A observação direta permite também que o observador chegue mais perto da “perspectiva dos sujeitos”, um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações.

Além da observação, mediante uma busca pelas obras já publicadas, principalmente em livros e artigos sobre a temática, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica para o embasamento teórico. Citam-se como principais autores: Santos e Luz (2007), Petrovich e Machado (2004), Silva (2004), Santos (2008) e Santos (2009).

Foram observadas, também, muitas fotografias expostas na Escola Eugênia Anna dos Santos, sendo algumas das *Iyalorixás*<sup>5</sup> que comandaram o Terreiro *Ilê Axé Opó Afonjá* e que hoje dão nome às salas de aula, outras de pessoas que fazem parte do cotidiano do terreiro. Além disso, foram analisados vídeos sobre a história da escola e sobre a atual *Iyalorixá*, Mãe Stella, o vídeo de outorga do Título *Doutor Honoris Causa* concedida pela Universidade da Bahia (UNEB). Disponível no site da referida Universidade, e isso possibilitou o emprego da análise documental, que é assim definida por Lüdke e André (1986, p.38)

Embora pouco explorada não só na área de educação como em outras áreas de ação social, a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema.

Como foram feitas observações em situações ocorridas na sala de aula, na hora da merenda, na hora das brincadeiras, com os professores na hora das reuniões e até com os pais dos alunos, durante o período do estágio, destaca-se a pesquisa de estudo de caso, a qual Lüdke e André (1986, p. 19) explicam da seguinte maneira. “Ao desenvolver o estudo de caso, o pesquisador recorre a uma variedade de dados, coletados em diferentes momentos, em situações variadas e com uma variedade de tipos de informantes”.

E a partir do desenvolvimento desse tipo de pesquisa, o presente trabalho evidencia uma de suas fases que é o estudo exploratório, pois, busca conhecer o assunto, para assim entendê-lo de forma clara e, então, elaborar questões

---

<sup>5</sup> *Iyalorixás*, conforme BAHIA (2009), a palavra *Iyà* do Yorubá significa mãe.

importantes para a condução da pesquisa, por isso, foram observadas as características da comunidade de um Terreiro de Candomblé e da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos que são situadas no mesmo local. Lüdke e André (1986, p.21) definem este tipo de pesquisa

Essas questões ou pontos críticos iniciais podem ter origem no exame da literatura pertinente, podem ser fruto de observações e depoimentos feitos por especialista sobre o problema, podem surgir de um contato inicial com a documentação existente e com as pessoas, ligadas ao fenômeno estudado ou podem ser derivados de especulações baseadas na experiência pessoal do pesquisador (ou grupo de pesquisadores).

O segundo momento foi marcado pela pesquisa de campo, na qual os instrumentos para o levantamento de dados foram a realização de visitas à Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos e ao Terreiro *Ilê Axé Opô Afonjá*, bem como os estágios obrigatórios na referida escola.

A técnica de coleta de dados escolhida para a construção do *corpus* da pesquisa foi a entrevista, que segundo Lüdke e André (1986, p.34) é uma técnica muito importante, já que "A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos". Essa técnica é marcada pela dimensão do social e promove uma interação entre o entrevistado e o entrevistador.

A entrevista realizada com uma professora<sup>6</sup> do 3º ano da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, teve como objetivo conhecer um pouco da sua formação acadêmica e suas perspectivas enquanto professora. Também foram entrevistados 15 alunos do 3º ano, sendo que, entre estes, apenas um tem o candomblé como religião.

Desta forma, mediante as técnicas utilizadas – entrevistas, aplicação de questionário, análise de fotos e vídeos, e das impressões do presente pesquisador – foi possível agrupar uma grande quantidade de informações, as quais serão apresentadas e discutidas no capítulo quatro.

---

<sup>6</sup> Tinha-se por objetivo entrevistar e aplicar um questionário a todos os professores da escola, no entanto, houve recusa e a criação de muitos empecilhos. Assim, têm-se os dados que foram fornecidos por apenas uma professora.

### 3 SITUANDO A ESCOLA MUNICIPAL EUGÊNIA ANNA DOS SANTOS

Este capítulo visa a descrever a Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos desde a sua formação, esclarecer o porquê de a sua localização ser no Terreiro *Ilê Axé Opô Afonjá*, assim como descrever como se dá o seu funcionamento e qual o objetivo da mesma.

A Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos está localizada na Rua Direta de São Gonçalo nº 557, dentro do Terreiro *Ilê Axé Opô Afonjá*, que tem como líder Mãe Stella. São Gonçalo do Retiro um bairro da periferia de Salvador (BA) e tem cerca de onze escolas de Ensino Fundamental. Mediante o Terreiro *Ilê Axé Opô Afonjá* o bairro tem servido como referência na preservação do patrimônio da história, cultura e religião africanas.

A Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos começou como uma creche que atendia às crianças da comunidade do terreiro, com o nome de Mini *Obá Biyi*, que é o nome religioso da fundadora Eugênia Anna dos Santos ou Mãe Aninha, uma simples instituição que tinha um significativo trabalho educativo com a arte e a história oral através das narrativas e dramatizações que Mestre Didi<sup>7</sup> apresentava. Santos e Luz (2007 p.4) fornecem as seguintes informações:

O prédio da Mini Comunidade Infantil Oba Biyi foi localizado próximo a entrada do Ilê Axé Opô Afonjá, à direita de quem passa pela porteira. Todavia ela possui entrada própria pela Rua São Gonçalo do Retiro, através de uma pequena escada de acesso que dá para uma varanda. Da varanda, passa-se para o pátio de atividades ao ar livre com uma outra varanda ao fundo, e também para um grande salão coberto.

A Mini *Obá Biyi*, foi criada para cuidar das crianças descendentes de escravos que viviam na comunidade, muitos eram filhos de mãe solteira e seriam excluídos por uma sociedade injusta e repressora. Santos e Luz (*ibidem*) enfatizam: "No fim do salão, um corredor que dá acesso a alguns pequenos cômodos que

---

<sup>7</sup> Mestre Didi, Deoscoredes Maximiliano dos Santos, é o fundador do Projeto de Educação Pluricultural da Mini *Obá Biyi*. Além disso, é um consagrado escritor, escultor e líder incontestado da tradição afro-brasileira. Por sua contribuição à preservação e divulgação da cultura afro-brasileira, recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade Federal da Bahia, além de vários prêmios e comendas de âmbito municipal, estadual e federal. (Santos e Luz 2007).



abrigam a secretaria e o almoxarifado, salas de creche, sanitários, salas de atendimentos médico e odontológico e cozinha. No fim do corredor, a porta de saída dos fundos dando para uma rua interna, e em frente o ilê Ossâiyin e o ilê Xangô. Ainda como parte do prédio, um pequeno espaço de quintal.

No começo, funcionava como uma creche para crianças dos 3 meses aos 14 anos, sendo que dos 6 aos 14 anos o atendimento era um suporte e funcionava como desenvolvimento integrado, pois as crianças eram alunos das escolas municipais das adjacências, garantindo assim o ensino formal o que também servia como comparativo entre as propostas das escolas de fora com as das *Mini Obá Biyi*, já que, eram propostas diferentes. Nesse espaço as crianças tinham atendimento médico e odontológico, e tudo isso era possível sem que as mães precisassem sair do terreiro. Santos e Luz (*ibidem*) continuam a descrição da escola:

Os ambientes eram bastante ventilados pelas janelas que arrodeavam o salão e iam contornando até a sala de atendimento médico. As duas varandas e o pátio indicavam o valor de atividades ao ar livre; isto é, sem a presença da chamada sala de aula.

Pode-se perceber nessa descrição que a *Mini Obá Biyi* era um ambiente agradável, onde as crianças podiam desenvolver sua capacidade de criação, sem se sentirem presas a uma sala de aula. Esse ponto importante quanto à descrição da escola observa-se ainda nas palavras de Santos e Luz (*ibidem*):

Essa ausência da sala de aula será um sintoma da necessidade da elaboração criativa de uma nova pedagogia, de caráter pluricultural baseado especificamente na tradição africano-brasileira. Nessa elaboração é de fundamental importância a orientação de Mestre Didi fundador do projeto”.

As atividades educativas da *Mini Comunidade Obá Biyi* tiveram início em 1978, tendo a professora América, integrante da comunidade e funcionária do Estado da Bahia, como coordenadora administrativa do projeto, também a participação de Mestre Didi, da Doutora Juana, da professora Eliana Quadros e mais alguns professores indicados pela prefeitura de Salvador.

Com o passar dos tempos, as adaptações e as mudanças foram acontecendo de acordo com as necessidades que surgiram, assim, em 1986, a creche tornou-se uma escola de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental com o nome de Escola

Municipal Eugênia Anna dos Santos, em homenagem à primeira *Iyalorixá* e fundadora do terreiro (Mãe Aninha), sendo municipalizada em 1998.

Em 2004, a escola foi ampliada e reformada, mantendo os detalhes da cultura afro-brasileira. E desde então, a escola possui sete salas, laboratório de informática, biblioteca, secretaria, sala de professores, depósitos para materiais didáticos, refeitório, cozinha e depósito para merenda escolar, o espaço *Odé Kaiodê*, onde os alunos tem aula de dança e ensaiam peças que são apresentadas na escola ou fora dela, além de um espaço externo amplo, área arborizada, praças e jardins, local onde os alunos brincam na hora do recreio.

A Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos situa-se num ambiente com infra-estrutura organizada o que ajuda no desenvolvimento das atividades escolares e isso é indispensável no processo de ensino-aprendizagem. No Terreiro, há uma biblioteca e o Museu *Ilé Ohun Lailai*<sup>8</sup> onde é preservada a cultura *nagô*, ambos funcionam no mesmo espaço da escola e podem ser aproveitados por toda a comunidade e inclusive por alunos de outras escolas, pois são abertos ao público.

Nessa escola há uma preocupação com o aluno, depois do horário da aula, muitos deles voltam para participar dos ensaios de dança e teatro que a mesma oferece, e as apresentações acontecem no Espaço Teatro *Odé Kayodê* (título religioso destinado Mãe Stella) situado no terreiro da escola, e é visto por toda a comunidade. Dessa forma a escola atende a necessidade do aluno em aprender além do ambiente de sala de aula, pois isso é importante para que se ele se desenvolva por completo.

A Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos desenvolve projetos de artes trazendo a questão do lúdico para a aprendizagem e isso é destacado por educadores que entendem que as atividades desempenhadas com prazer garantem o sucesso no processo educativo. A lúdica no processo de aprendizagem é de suma importância para se alcançar o desenvolvimento do aluno, conforme aponta Almeida ([200-], p.1)

---

<sup>8</sup> *Ilé Ohun Lailai* significa casa das coisas antigas, conforme registram Santos e Luz (2007).

Por meio da brincadeira a criança envolve-se no jogo e sente a necessidade de partilhar com o outro. Ainda que em postura de adversário, a parceria é um estabelecimento de relação. Esta relação expõe as potencialidades dos participantes, afeta as emoções e põe à prova as aptidões testando limites. Brincando e jogando a criança terá oportunidade de desenvolver capacidades indispensáveis a sua futura atuação profissional, tais como atenção, afetividade, o hábito de permanecer concentrado e outras habilidades perceptuais psicomotoras. Brincando a criança torna-se operativa.

Os jogos e as brincadeiras são muito importantes para o desenvolvimento do ser humano, e vem sendo destacado no processo de aprendizagem das crianças, pois garantem uma aprendizagem com prazer desenvolvendo assim a criatividade. Infelizmente as escolas passam por uma grande crise, principalmente as escolas públicas, que geralmente são descritas de uma forma enfadonha, lugar onde os alunos frequentam por obrigação e muitas vezes sem nenhuma motivação. O espaço da escola da década de 90 é descrito por Dayrell (1996, p.138): "O espaço é claramente delimitado, como que a evidenciar a passagem para um novo cenário, onde vão desempenhar papéis específicos, próprios do 'mundo da escola', bem diferentes daqueles que desempenham no cotidiano do 'mundo da rua'".

O autor citado transcreve a realidade das escolas que tem um ambiente desagradável e que é sempre cercada por muros altos, onde os alunos são colocados para estudar sem ter prazer na aprendizagem, e isso pesa negativamente, já que, é na escola o espaço onde o aluno desenvolve suas relações sociais necessárias para toda a vida.

D'Ávila (2006, p.21) fala da questão do lúdico nas escolas do século XXI. "[...] pude verificar que a ludicidade não encontra terreno dentro dos muros escolares, a não ser em raríssimas ocasiões de recreação entre os próprios educandos e de maior sensibilidade por parte dos professores presentes".

A realidade da Eugênia Anna dos Santos é bem diferente da realidade da maioria das escolas dos grandes centros urbanos, nela não há muros entre o terreiro e a escola, os alunos são privilegiados com uma enorme área e, na hora das brincadeiras, eles aproveitam isso de uma forma singular. Eles são livres, correm, brincam, são crianças que têm no recreio um momento de alegria e isso é de grande importância para o processo de ensino-aprendizagem. Além de brincar, de ser criança, os alunos valorizam a cultura preservada no espaço do terreiro, a escola

propõe para eles vivenciar a transmissão dos valores que são passados dos mais velhos para os mais novos de uma forma milenar, onde se cultiva o respeito pelo outro, assim, a escola reproduz a realidade do terreiro entre os alunos.

Os alunos têm aulas de música, dança e teatro e desenvolvem um trabalho que muito enriquece a sua educação. As peças apresentadas pelos alunos contam a história do negro e essas apresentações são feitas na Escola Eugênia Anna dos Santos, onde a comunidade local prestigia, mas também são apresentadas para outras comunidades.

Para completar a descrição da Escola Eugênia Anna dos Santos, destacam-se as casas dos *Orixás* e as casas das famílias que vivem no Terreiro *Ilê Axé Opó Afonjá*, pois, eles são responsáveis pela manutenção dessa cultura e valores. Pois muito são descendentes dos escravos, que vieram para o Brasil entre os séculos XVII e XIX. Segundo Santos e Luz (2007, p.12) “No decorrer dessa temporalidade sócio-religiosa são caracterizados os lugares sociais, as hierarquias e a divisão das responsabilidades e funções que caracterizam as obrigações dos iniciados”.

Essas casas que estão inseridas do terreiro não podem ser vendidas, elas são passadas de um filho de santo para outro, e são esses vínculos comunitários e valores hierárquicos que constituem o terreiro como uma instituição que preserva a cultura *nagô*.

A Escola Eugênia Anna dos Santos funciona como um espaço sócio-cultural de grande importância, já que ela tem em sua estrutura as duas formas necessárias para isso, segundo Dayrell (1996), a escola é entendida assim quando é ordenada institucionalmente, por um conjunto de normas e regras que delimita a ação dos sujeitos, e, cotidianamente, quando considera a trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos.

Agindo assim, a escola considera as vivências, a totalidade das dimensões dos sujeitos que compõe e participam dela, não tratando todos de forma homogênea, mas considerando as diversidades nos campos cognitivos, afetivos e sociais, deixando assim, de reforçar as desigualdades e injustiças sociais que envolvem toda a história dos negros.

Destaca-se que para a concretização do projeto que nasceu da vontade de Mãe Aninha, houve contribuições de todas as *Iyalorixás* do Terreiro *Ilê Axé Opó Afonjá* sendo aqui destacada a participação da *Iyalorixá* atual Mãe Stella.

Maria Stella de Azevedo Santos, Mãe Stella, nasceu em Salvador, em 2 de maio de 1925, e tornou-se *Iyalorixá* do *Ilê Axé Opó Afonjá* em 11 de junho de 1976, passando a ser a quarta sacerdotisa do Candomblé de São Gonçalo do Retiro. Em 1987 realizou o sonho de Mãe Aninha, por conseguir que a Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos educasse as crianças com base nas raízes africanas, e isso acontece atualmente na escola, com o Projeto *Irê Ayó*, mediante o qual as crianças são familiarizadas com as palavras, as saudações, as canções e os mitos na língua *Yorubá*, e usam essas palavras paralelamente à língua portuguesa.

Mãe Stella é graduada pela escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA), exerceu a profissão por mais de trinta anos como funcionária pública do Estado da Bahia e foi a primeira *Iyalorixá* a combater o sincretismo religioso com a Igreja Católica. Após voltar de uma viagem à Nigéria, em 1981, teve a idéia de criar um museu dentro do terreiro, com o objetivo de imortalizar a história de sua fundadora e da religião dos *Orixás*, assim nasceu o *Ilê Ohum Lailai*.

Mãe Stella escreveu vários livros entre eles se destacam as seguintes obras: *E daí aconteceu o encanto*, de 1988; *o Meu tempo é agora*, de 1993; *Lineamentos da religião dos orixás - memória de ternura*, de 2004; *Osósi - o caçador de alegrias*, de 2006; e *Owé - provérbios*, de 2007.

Por ser essa líder religiosa e incansável defensora da preservação da cultura africana, Maria Stella de Azevedo Santos, conhecida como Mãe Stella de Oxóssi, recebeu da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em 10 de setembro de 2009, uma das mais raras honrarias da instituição: o título de *Doutor Honoris Causa* em reconhecimento à sua trajetória de luta pela Igualdade Racial e Direitos Humanos.

Os valores de uma cultura tende a se perder em meio às novidades que aparecem. Em pleno século XXI, a tecnologia vem dominando todos os campos; hoje não se ouvem mais histórias contadas na porta de casa. Houve também modificações educacionais na contemporaneidade, mas ainda se mantém os

princípios de uma educação repressora, que ainda não atende à sociedade brasileira com uma “educação igual para todos”. Ana Célia Silva (*apud* SILVA e SILVA 2007, p.59.) enfatiza esse fato em uma entrevista registrada no livro *Tecendo contemporaneidade*.

Seria a pretensa inclusão dos processos históricos culturais dos povos sem prevalência histórica, de uma forma minimizada e conveniente, para manter a saturação, a naturalização e a hegemonia de uma única cultura e processo civilizatório nos currículos.

Diante do exposto acima, torna-se saliente que é importante destacar a luta de pessoas como a sacerdotisa Mãe Stella, que vem se dedicando para que a educação de jovens negros aconteça de forma que não se esqueça das suas raízes e, ao mesmo tempo, ocupe um lugar de destaque na sociedade, quebrando assim com as barreiras educacionais de uma sociedade composta por vários povos e que, paradoxalmente, cultiva a superioridade de uma cultura, a “européia”, em detrimento das outras.

### 3.1 A ESCOLA DENTRO DE UM TERREIRO DE CANDOMBLÉ

A preocupação de Mãe Aninha em ver as crianças com diplomas de grandes profissionais, mas preservando a sua ligação direta com a cultura *nagô* pode ser claramente vista nas suas palavras: “Ver as crianças de hoje no amanhã, de anel no dedo e aos pés de *Xangô*” (*apud* SANTOS e LUZ, 2007.)

Segundo Santos e Luz (2007), a Mini Comunidade *Obá Biyi*, foi a primeira experiência de educação pluricultural no Brasil, e a idéia de criar uma instituição dentro do terreiro para educar as crianças que ali moravam foi de Mãe Aninha, pois ela sonhava em vê-las com diplomas de grandes profissionais e ao mesmo tempo queria que a religiosidade e a cultura *nagô* fossem respeitadas, já que a “Pedagogia do Embranquecimento” (SANTOS e LUZ, 2007) reinava de modo que não atendia às necessidades educativas das crianças negras, então, Mãe Aninha acreditava que, através da criação de um espaço que dedicasse atendimento especial ao seu povo, seria possível conquistar este objetivo, o que a mesma acreditava ser um desafio.

E assim, Mãe Aninha uma das mais importantes sacerdotisas da religião *nagô*, e considerada uma das representantes legítimas da tradição africana, que sempre priorizou a identidade do negro para não se perder em meio à cultura do branco imposta pela sociedade, declara o seu desejo de criar uma escola para as crianças na sua comunidade-terreiro.

Eugênia Anna dos Santos, Mãe Aninha, era também conhecida com o nome religioso de *Obá Biyi*, foi a primeira *Iyalorixá* do terreiro do *Ilê Axé Opô Afonjá*, tinha grandes saberes religioso da África e fez bom uso desse conhecimento no terreiro e fora dele já que ela exercia outras funções em outros espaços institucionais com o lema “cada qual no seu cada qual”. Mãe Aninha exercia suas funções de *Iyalorixá* no terreiro e também participava das ações da Igreja Católica, entre outras atividades, ela era a responsável pela limpeza anual dos altares da Igreja do Bonfim.

A história de Mãe Aninha é sem dúvida muito importante para o surgimento do Terreiro *Ilê Axé Opô Afonjá*.

No final do século XVIII veio para o Brasil a primeira *Iyalorixá* da primeira casa de culto da religião dos *Orixás*, a popular Casa Branca, Senhora Marcelina da Silva, que praticava o culto a *Xangô* e este ganhou grande significado na tradição dos *Orixás*.

A Senhora Marcelina da Silva iniciou várias sacerdotisas, entre elas a fundadora do *Ilê Axé Opô Afonjá*, a *Iyalorixá Obá Biyi*, ou Mãe Aninha. Segundo a Secretaria de Turismo do Estado da Bahia (2009, p.49), assim acontece à iniciação no Candomblé.

A iniciação é rito de passagem, uma morte simbólica que transforma um homem comum em um instrumento do orixá, que passa a ser chamado de *elegun*, um *laô*, pessoa sujeita ao transe, pois passa a emprestar seu corpo para que o orixá viva entre os mortais, mais uma vez, por um período de horas ou dias.

Depois de iniciada, Mãe Aninha passou a dedicar a sua vida ao Candomblé e seguiu um longo caminho até comprar umas terras em que abrigou um antigo quilombo, no bairro do São Gonçalo e ali fundou o terreiro.

Mãe Aninha sempre se preocupou com a educação de seu povo, ela pensava o terreiro como um ambiente favorável para os ensinamentos que manteriam vivos a cultura da África nas crianças nascidas no Brasil, mas que precisavam saber da história dos seus ancestrais. Entendia também que era preciso passar os valores hierárquicos e o respeito nas relações entre os mais antigos e os mais novos, pois era assim que era passada a cultura africana, na forma oral, e estes valores eram indispensáveis para uma boa convivência e a transmissão da cultura em sua comunidade, e assim a educação abrangia todo o processo. “Educação aqui se caracteriza pelas relações dinâmicas interpessoais e intergrupais, as regras, entre aos mais antigos e os mais novos no decorrer das relações institucionais na dinamização do axé” (SANTOS e LUZ, 2007 p.13).

A educação do seu povo não encontrava ambiente propício para florescer, já que as escolas não permitiam que, o aluno negro, que tinha como religião o Candomblé tivesse êxito na sociedade. Mãe Aninha sempre esteve a par disso e se prontificou em divulgar os reais valores da tradição africana para a sociedade, ela sabia a importância de estabelecer relações entre o passado e o presente para a valorização da cultura e sua vontade de criar um ambiente escolar para as crianças da comunidade do Terreiro *Ilê Axé Opô Afonjá* foi o passo inicial para o surgimento de um grande projeto educacional a Mini Comunidade *Obá Biyi*, como já foi relatado na seção anterior.

Mãe Aninha morreu em 1938 e um ano depois Maria Bibiana do Espírito Santo, Mãe Senhora como era conhecida, assumiu o terreiro dando continuidade ao projeto, cultivando entidades e a origem de seu povo.

Mãe Senhora era uma pessoa dinâmica, muito querida, recebeu vários títulos honorários. Foi homenageada no Rio de Janeiro em pleno Maracanã, com o título de “A Mãe Preta do Brasil”, Mãe Senhora, recebeu ajuda de pessoas ilustres no melhoramento do Axé na casa dos *Orixás* e Barracão e em 1967 morreu.

Mãe Senhora era mãe do Sr. Deoscoredes ou Mestre Didi, foi ele que contribui com o seu grande talento para a criação de currículo educacional da Mini *Obá Biyi*.



Mãe Senhora, foi substituída por Ondina Valeria Pimentel, mais conhecida como Mãezinha. Esta superou muitas dificuldades no *Ilê Axé Opô Afonjá* e morreu em 1975, antes de a obra de construção da escola terminar.

E em 1976, Mãe Stella passou a ser a nova *Iyalorixá* do *Ilê Axé Opô Afonjá* e continua até os dias de hoje.

Uniram-se ao *Ilê Axé Opô Afonjá*, a Sociedade de Estudos de Cultura Negra no Brasil (SECNEB) e a prefeitura de Salvador, cada um com responsabilidades que seriam indispensáveis para a construção da escola. O *Ilê Axé Opô Afonjá* fez a doação da área para a construção do prédio, a SECNEB a supervisão e a execução da obra e a prefeitura com o apoio de pessoal e a construção e, enfim, em 1977, a obra ficou pronta.

Na inauguração, participaram Mestre Didi, a coordenadora da SECNEB e esposa do Mestre Didi, a Senhora Juana E. dos Santos, a *Iyalorixá* do *Ilê Axé Opô Afonjá*, Senhora Stella de Azevedo e o então prefeito de Salvador Senhor Jorge Hage, entre outras autoridades comunitárias e públicas e também a comunidade infantil do *Ilê Axé Opô Afonjá*.

O que foi descrito acima representa a sucessão de heroínas negras que preservaram a sua cultura, e graças a isso foi possível a criação e aplicação de uma experiência educativa pluricultural, uma forma diferenciada de ensino, que faz adaptações dos conhecimentos da cultura africana, para ser empregado na educação de crianças afrodescendentes, sendo que essa experiência tem um ambiente favorável, por ser desenvolvida em um terreiro de candomblé.

Uma escola dentro de um terreiro facilita a relação de transmissão de conhecimento da cultura da África aos afrodescendentes o que contribui positivamente para a formação de cidadãos conscientes da sua origem e da sua importância na sociedade. Durante todo esse tempo as *Iyalorixás* do terreiro contribuíram para que a Escola Eugênia Anna dos Santos se tornasse referência no ensino da cultura afro, mesmo antes da implementação da lei 10.639/03 ter se tornado uma ação oficial do município de Salvador, em 2005.

Nas religiões africanas a agricultura, a caça, a pesca a transformação da matéria prima em outros produtos e outras atividades são destacadas, o ensino engloba as atividades do cotidiano da comunidade negra, a qual ela pertence isso ajuda na formação dos alunos, pois é necessário que haja a união da escola, da família e da comunidade para que a realidade da criança seja levada em consideração no processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, nos terreiros de candomblé, acontecem ações culturais, sociais e educativas, geralmente realizam-se vários eventos e cursos, conscientizando o negro das dificuldades existentes, e capacitando-os para essa realidade.

Essas ações promovem a conscientização das pessoas e isso é importante para que não aconteça mais a negação da participação do negro na história do Brasil.

Há vários heróis que as crianças já conhecem desde pequenos, heróis brancos como Pedro Álvares Cabral, Cristovão Colombo isso se aprende até nas brincadeiras, mas dos heróis negros poucas são as crianças que já ouviram falar ou leram a respeito, pois esta história os livros não contam. A Revolta dos Malês, por exemplo, foi um movimento muito importante e destaca os negros muçulmanos que lutaram por não mais aceitarem a escravidão e a intolerância religiosa, mas essas informações não constam nos livros didáticos em geral, como bem denuncia Silva (2004, p.59).

A omissão, no livro didático, da diversidade de papéis exercidos pelos negros no Brasil pode ser responsável, em grande parte, pela internalização por parte da sociedade de uma imagem estigmatizada do negro visto apenas como serviçal e marginal, bem como pelo desrespeito e intolerância por parte dos seus colegas das profissões valorizadas na sociedade e exercidas por não-negros em sua grande maioria.

Sendo assim, a autora nos remete a entender a importância dos livros didáticos em contarem a história da África, para a valorização do negro na sociedade.

Mas, visto que isso ainda não acontece, faz-se necessário reconhecer os terreiros como fonte de uma cultura que preserva a religião africana até os dias atuais, onde a natureza, a terra, o ar e o fogo têm grande importância, pois exercem

muita influência nos valores civilizatórios que regem a cultura afro, a qual não pode mais ser negada, pois é forte e latente em na sociedade brasileira, e já que o ensino público brasileiro é responsável pela educação da maioria dos afrodescendentes, precisa valorizar esses conhecimentos que ajudam no processo de aprendizagem e na cultura do seu povo.

O terreiro *Ilê Axé Opô Afonjá* completou em julho de 2010 um centenário de existência, a comunidade do terreiro fez uma grande festa, comemorando 100 anos de luta e glória e, junto aos seus seguidores, promoveram várias ações para a afirmação e o entendimento da religião no território brasileiro, considerando que o terreiro tem uma população de mais ou menos 50 famílias de religiosos descendentes de escravos, que ali vivem: ouvindo, falando, trabalhando, andando, plantando, dançando, cantando, tocando e aprendendo a aprender, então, pode-se acreditar que os terreiros são importantes pela luta de afirmação e manutenção das tradições religiosas na cultura brasileira.

Durante os dias 30, 31 de julho e 01 de agosto de 2010, houve uma grande festa no terreiro, pois, foi inaugurado um busto em comemoração a Mãe Aninha, a sua fundadora e a idealizadora da criação de uma instituição escolar dentro do terreiro. Toda a comunidade do terreiro e a população em geral homenagearam esta mulher que lutou contra as adversidades e a perseguição para manter viva a tradição do Candomblé na Bahia.

Esse acontecimento histórico, o fato de o terreiro ter completando 100 anos, e toda essa vivência facilitam o processo de ensino-aprendizagem, já que estão relacionados os conhecimentos do meio ambiente, as ciências humanas, as ciências sociais, fatores econômicos, político-sociais e culturais.

Esses conhecimentos serão importantes para despertar a conscientização dos negros e dos não negros que consideram a educação o principal caminho para mudança. Uma escola dentro de um terreiro de candomblé valoriza a preservação da religião afro e a identidade de um povo, não só do terreiro, mas de toda a população em geral.

Em meio a tudo isso, a sociedade precisa acabar com o monopólio dos privilégios das elites dominantes e promover a participação popular, nos mais diferentes níveis educacionais, utilizando a cultura como inclusão social.

Assim estar-se-á contribuindo para uma sociedade mais justa, menos violenta e mais democrática, com oportunidades iguais para todos, por meio de políticas educacionais justas, independente de cor, sexo, classe social ou qualquer item que caracterizem as diversidades de todos os povos que construíram o Brasil.

### 3.2 OS TERREIROS DE CANDOMBLÉ DA BAHIA

Segundo Santos e Luz (2007), o Terreiro da Casa Branca é de grande importância histórica para o Candomblé, pois dele derivaram os principais terreiros, como o *Ilê Axé Opó Afonjá* e também o Terreiro do *Gantuá* e foi dessas três casas que nasceu o Candomblé da Bahia, e também de outras regiões do país, formando assim uma rede de alianças comunitárias.

Essas comunidades são importantes na transmissão dos valores africanos ao povo afrodescendente que ainda hoje vive lutando contra uma série de dificuldades, e para que a cultura afro não se perca em meio a tanta negação, pois os terreiros de candomblé buscam transmitir seus princípios fundamentais, valorizando assim a cultura do negro.

Cada grupo tem as suas regras e a sua identidade, onde se prestigiam os seus valores e a hierarquia, mas é necessário que se respeitem também as regras e os valores das outras instituições, assim bem como o Estado.

Sobre essa questão Santos e Luz (2007, p.23) destaca:

Cada comunidade terreiro possui, assim, sua própria identidade, que já se inicia pelo próprio nome que lhe é atribuído. Assim, por exemplo, o *Ilê Ase Opo Afonjá*, casa onde está concentrado o Axé de Afonjá, qualidade do orixá Xangô, demonstra a relação de continuidade da casa com a cidade de Oyó, antiga capital do império nagô, ou yorubá.

A cultura é a representação da realidade de cada grupo, e a sociedade é composta por indivíduos que participam dessa cultura, como mostra Pierre Erny (1982, p.17) no que ele chama de quádruplo movimento.

- O indivíduo que nasce num grupo deve progressivamente - integrar-se nesse grupo e encontrar um lugar; - tomar para si, interiorizar e fazer sua a cultura desse grupo. - O grupo que recebe o indivíduo deve - preparar-lhe seletivamente um lugar, integrá-lo, dar-lhe um papel para exercer uma função; - transmitir-lhe sua cultura, aquilo que consiste mais precisamente a educação.

Sendo assim, a sociedade é tão responsável pela manutenção da cultura quanto o indivíduo que faz parte dos grupos, o que falta para muitos é a conscientização de que todos são importantes para a cultura de um país.

A religião é um item muito forte e necessário na formação de um povo, portanto, deve ser respeitada. Levando em consideração as diversidades na formação do povo brasileiro há uma necessidade em valorizar o credo de cada indivíduo que compõe a sociedade.

Na história do Brasil isso não aconteceu, pois ao negro lhe foi negado praticar a sua religião, o Candomblé, sendo imposta a religião católica que era a oficial na época da escravidão.

Os negros foram trazidos da África para o Brasil no período da colonização para se tornarem escravos e segundo Santos (2009), no período entre 1780 e 1830 a cidade de Salvador tinha entre a sua população 42% de trabalhadores escravos.

Esses escravos foram arrancados da sua terra e submetidos a uma cultura que não era a sua, e ainda foram impedidos de exercerem livremente as suas crenças africanas. E mesmo com as comemorações destinadas ao negro que ajudou na construção do Brasil, o dia 13 de maio, data em que se comemora a abolição da escravatura, e 20 de novembro, que se comemora o dia da Consciência Negra, ainda não são suficientes para livrar os negros de todo o preconceito e injustiça decorrente da história.

Sendo negado aos escravos tudo que uma sociedade constrói para benefícios da população, os negros não tinham direito à saúde, e ainda eram tratados como se sofressem de uma doença contagiosa e assim a sociedade os excluía de tudo que

eles tinham direito, sendo marginalizados, mortos de várias maneiras, chegando ao ponto de cometerem suicídios, portanto, são várias as causas das desigualdades racial e social, o que causa danos à população negra até hoje. Dessa forma, Ferreira (2009, p.14) explica a ação dos escravos.

O suicídio era um ato de resistência individual, que pode ser compreendido tanto como expressão de um conflito quanto de uma negociação entre senhores e escravos. Entre este dois pólos, os escravos se colocaram como indivíduo tentando conduzir a própria vida em meio a condições adversas. Muitos casos demonstram que o ato só era praticado como último recurso para forçar o atendimento dos desejos ou como alternativa para escapar definitivamente da escravidão.

Durante toda a História do Brasil, não há interesse da classe dominante em reparar os danos que foram causados aos negros e isso dificulta a sua ascensão social, assim, o preconceito perdura impedindo que os afrodescendentes tenham oportunidades de mostrar o seu potencial e só uma educação de qualidade e igual para negros e não negros pode mudar essa história.

É possível desenvolver ações afirmativas que promovam experiências na comunidade, e que sirva de material para pesquisa, para desenvolverem estudos que beneficie a formação acadêmica, pois assim formam-se educadores preparados que contem a história do Brasil sem excluir povos, que não traga mais os resquícios de uma educação repressora, de uma política rústica e destrutiva, das classes dominantes que deixa a sociedade com carências educacionais, degradação da escola pública que não oferece oportunidades educacionais para todos.

Combatendo, dessa forma, as desigualdades sociais que perduram há séculos, vitimizando a população negra que mesmo com tantos sofrimentos consegue resistir e mostrar a sua força, a sua arte, a sua beleza, a sua fé, através da sua ancestralidade, do respeito aos mais velhos que são os verdadeiros guardiões da cultura da África, são pessoas que sabem da importância dos valores e tradições da herança cultural africana, pessoas que travam lutas com essa sociedade para manter vivas essas raízes e contar a verdadeira história do negro no Brasil.

Mesmo em meio a todas as dificuldades, a cultura do negro sobrevive nas danças, crenças, comidas, cantigas, samba e capoeira. A sociedade é repressora

quando tenta proibir as manifestações dos valores e tradição dessa herança cultural. E, só através da educação, será possível a conscientização das pessoas sobre a importância de manter essas raízes, cultivar essa fonte de informação da história do negro. Por isso, o papel do educador perante a sociedade atual é preparar os alunos para entender as diferenças como as partes compõem um todo, mas com a mesma importância.

Segundo a Secretaria de Turismo da Bahia (2009), os terreiros de candomblé são espaços onde se mantém viva as tradições africanas sendo que a autoridade espiritual e moral são concentradas nas mãos dos “pais” ou “mães de santo”, chamados também de *Babalorixá*<sup>9</sup> ou *Yalorixás*.

Os terreiros já protagonizaram muitos conflitos com familiares, vizinhança, empresas públicas e privadas, e várias invasões policiais e por pessoas nas áreas contíguas, isso ainda acontece porque a maioria das pessoas ainda não consegue enxergar o candomblé como uma religião tão digna quanto às outras e também pela especulação imobiliária, pois as casas de santo são construídas primeiro, ajudam a povoar e dar identidade ao bairro; ao passo que cresce, a área começa a ser valorizada no mercado imobiliário e inicia-se o processo de não-aceitação de permanência do terreiro.

Baseando-se na pesquisa desenvolvida por Jocélio Teles dos Santos, publicada em 2008, pelo Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), denominada *Mapeamento dos Terreiros de Salvador*, convém destacar algumas informações para o entendimento dos terreiros de candomblé.

Segundo Santos (2008) o maior número de Terreiros está localizado nos bairros que compõem o subúrbio ferroviário de Salvador, a exemplo de Plataforma, Paripe e Alto de Coutos. Em seguida, onde se localizam os bairros de Lobato, São Caetano, Fazenda Grande do Retiro e a Avenida San Martin, totalizando assim 30,4% dos terreiros de Salvador.

O que justificam esses dados é a possibilidade do povo de santo encontrar terrenos extensos e ambientes ecológicos e adequados para a consecução de

---

<sup>9</sup> *Babalorixá*, conforme BAHIA (2009), a palavra *Baba* do Yorubá significa pai.

rituais e festas públicas, pois, a natureza é fator essencial para a realização dos cultos africanos.

A pesquisa de Jocélio Teles informa que a maioria dos terreiros de candomblé se auto-identificam como pertencentes à nação *Keto* e vindo em seguida os da nação *Angola*, a maior parte da liderança religiosa é feminina, a maioria dos filhos de santo se declara da cor preta e a média de idade é de 55 anos. O universo afro-religioso é liderado por mulheres pretas, tem nas entidades femininas a sua maior representação, o que fazem dessas mulheres fortes um grande sustento da cultura afro-brasileira.

Pode-se verificar a força das mulheres negras que muito contribui para a manutenção da cultura afro, sendo assim responsável pela expansão dos valores civilizatórios que fazem parte da cultura da África, a qual é tão importante para a história do Brasil.

A pesquisa também mostra que a maioria dos líderes são naturais de Salvador, e geralmente tem baixa escolaridade, são poucos os que têm o nível superior completo. As ocupações são variadas com destaque para as baianas de acarajé, que são o maior símbolo da Bahia, são personagens urbanos, mulheres trabalhadoras, profissionais que mantêm a família vendendo seus bolinhos, acarajés, abarás, enfim, os quitutes da tradição no mundo afro-religioso.

Sabe-se que o negro na sociedade tem dificuldade em ingressar no mercado de trabalho, com profissões que exigem um maior desenvolvimento intelectual, (por não ter acesso ao ensino de qualidade, e também a sociedade exigir que se tenha uma “boa aparência” que tem como padrão o modelo europeu), o que sobra para os negros são as funções subalternas, então, só lhe resta recorrer às profissões que não exigem altos graus de escolaridade.

A educação de qualidade e continuada é de fundamental importância para o combate ao racismo e, somente através dela, o negro terá condições de competir igualmente com o branco. Só com a educação de qualidade, o negro entrará no mercado de trabalho e terá participação intelectual no desenvolvimento do país. (SANTOS, 2009, p. 26)

Sem dúvida as escolas públicas precisam de maior atenção das políticas públicas, os alunos que frequentam essas escolas são negros, em sua maioria, e



moram nas periferias, então para que eles recebam uma educação de qualidade há de se fazer muitas mudanças.

Mudanças que garantam uma educação de qualidade e igual para negros e não negros, pois só assim todos terão acesso ao mesmo ensino e poderão competir em “pé de igualdade” no mercado de trabalho.

Ainda segundo a referida pesquisa, nos últimos dois anos, um número significativo de terreiros desenvolveu atividades nas comunidades, a exemplo de distribuição de cestas básicas, cadastramentos de programas governamentais, cessão de espaços para a realização de reuniões, cursos e palestras.

Santos (2008, p.5) também destacam alguns aspectos que podem ser acrescidos para explicar o crescimento dos terreiros a partir dos anos 80.

1)desenvolvimento de uma política governamental voltada para fins turísticos, em que a cultura afro-baiana, notadamente a sua religiosidade, passou a ser a“imagem-força” do estado da Bahia; 2)a imagética do candomblé presente nos blocos afros e afoxés durante o carnaval; 3) as reinterpretações dos movimentos negros sobre a religiosidade afro-baiana.

Santos (2008) mostra ainda que 68,6% dos terreiros de Salvador têm menos de 31 anos de existência. O crescimento do número de terreiros, a partir da segunda metade dos anos 1970 permite observar o que significou a liberdade religiosa para o povo de-santo. No ano de liberação da licença da Delegacia de Jogos e Costumes, através do Decreto-lei nº25.095, de 15 de janeiro de 1976, houve uma expressiva fundação de terreiros de candomblé. E outro fator destacado pela pesquisa, que contribuiu para esse crescimento foi a promoção da II Conferência da tradição Orixá e Cultura, que aconteceu em Salvador em julho de 1983.

Os terreiros historicamente sofreram todo tipo de repressão, eram perseguidos pela polícia de forma incessante, e toda essa discriminação ganhou força com os estudos do médico Nina Rodrigues que era um médico conceituado e que defendia teses racistas consideradas científicas e modernas, como destacam Santos e Luz (2007, p.30).

A estratégia de repressão neocolonial que recaiu sobre os terreiros teve na polícia a ponta de atuação de uma constituição ideológica que sustentava toda a discriminação. Foi durante o período de Mãe Aninha que mais se pronunciou a partir dos trabalhos acadêmicos de Nina Rodrigues, Arthur

Ramos e muitos outros ideólogos, que se situavam na episteme e na metodologia desde fora para dentro, a redução dos valores civilizatórios africanos às teorias de psiquiatras, de psicanálise, antropologia e sociologia dessa época.

Mesmo sendo uma fonte inesgotável dos ensinamentos e saberes da cultura da África, os terreiros sofriam varias invasões policiais e, na década de 1930, Mãe Aninha visitou Getúlio Vargas, o então Presidente do Brasil, e pode lhe falar da importância da história do Candomblé na formação do povo brasileiro, esse encontro foi muito importante, pois Getúlio Vargas promulgou o Decreto Lei nº 1.202, proibindo qualquer embargo sobre os exercícios da religião do Candomblé no País.

Depois de Mãe Aninha, outras *Iyalorixás* lutaram para a conscientização do povo, para os valores da África e, assim, foi diminuindo a repressão aos terreiros de candomblé.

Percebe-se assim, que apesar de toda a sua importância para a preservação e propagação da cultura afro, os terreiros de Candomblé sempre sofreram repressão e encontraram resistência por parte dos diversos setores da sociedade brasileira.

## 4 PROJETO PEDAGÓGICO DA ESCOLA MUNICIPAL EUGÊNIA ANNA DOS SANTOS

Neste capítulo discute-se a criação e aplicação do projeto pedagógico da Escola Eugenia Anna dos Santos, desde as suas origens por meio do Mestre Didi; o efeito da lei 10.639/03 nos currículos das instituições de ensino em geral; a proposta do Projeto *Irê Ayó* na escola; bem como a formação dos professores que lá atuam.

O início do currículo pluricultural teve suas origens com o Mestre Didi, baiano nascido em 1917, filho de Maria Bibiana do Espírito Santo (Mãe Senhora), que foi iniciado sacerdote do culto de ancestrais aos 8 anos de idade por Tio Marcos. Mestre Didi é um escritor, escultor reconhecido na década de 1980, participou da Bienal de 1996 como dirigente e fundador de entidades e instituições que promovem a cultura africana brasileira, como a Sociedade de Estudos da Cultura Negra de Candomblé.

Em 1974, Mestre Didi começou a organizar um currículo para ser empregado na Mini Comunidade *Obá Biyi*, um currículo diferente dos empregados nas escolas da época, pois este seria voltado para a valorização da cultura negra no processo de transmissão de conhecimento, então ele tomou a iniciativa de adaptar algumas narrativas da cultura *nagô* para essa experiência, dessa forma, criou o currículo pluricultural (SANTOS e LUZ, 2007) e essa prática foi o princípio motivador de uma nova pedagogia.

A aplicação do Projeto Piloto de Educação Pluricultural idealizado e realizado pela Sociedade de Estudos das Culturas e da Cultura Negra no Brasil (SECNEB), no período de 1976 a 1986, na comunidade-terreiro *Ilê Axé Opô Afonjá* marcou o início de uma experiência importante para a educação na Mini Obá Biyi.

Esse acontecimento sugeriu mudanças, pois, os currículos até hoje provocam a exclusão dos que não fazem parte da elite, criando assim uma barreira social para os afrodescendentes, graças ao fato de ignorar as diferenças que ficam representadas pela diversidade do povo brasileiro, como bem destaca Tomaz Tadeu

Silva (2009) que avalia o currículo, como uma análise política e sociológica, e percebe que a teoria crítica do currículo tinha que levar em conta também as desigualdades educacionais centradas nas relações de gênero, raça e etnia.

A sociedade contribuía para o fortalecimento das questões educacionais que excluía os negros e Mestre Didi, atento a tudo isso e sabendo da necessidade que as crianças da Mini Comunidade *Obá Biyi* tinham de aprender sobre a sua história, cria o projeto pedagógico que valoriza a cultura negra. E esse projeto vai de encontro à aplicação da Pedagogia Tradicional. "O currículo tradicional era simplesmente tomado como dado e, portanto, como implicitamente aceitável. O que importava era saber se as crianças e os jovens eram bem sucedidos ou não nesse currículo". (SILVA, 2009, p.65). E, assim, o currículo tradicional neutralizava as diversas manifestações culturais de que é composta a sociedade brasileira.

O projeto do Mestre Didi foi uma importante experiência educacional, que levava em consideração a realidade dos seus alunos e é nesse ponto que a Mini Comunidade *Obá Biyi* se diferenciava das demais.

A Mini Comunidade *Obá Biyi* foi um projeto multicultural que sempre buscou caminhos para o ensino e preservação da cultura *naḡô*, o aluno sobre essa cultura, mas também precisava estar matriculado numa escola da rede, já que a Mini *Obá Biyi* não constituía o ensino formal.

Essa instituição não chegou a regularizar o seu currículo, e depois de uma série de dificuldades e desinteresses das instituições que a mantinha, como a SECNEB, em 1986, passou a responsabilidade da Mine Comunidade *Obá Biyi* para a Sociedade Civil do *Ilê Axé Opó Afonjá*.

Dez anos depois da Mini *Obá Biyi*, ter fechado, Mãe Stella convidou Vanda Machado e Carlos Petrovich para que cuidasse de um novo currículo para a escola Eugênia Anna. E então Vanda Machado aproveitou a idéia básica da sua dissertação de Mestrado, para elaborar o Projeto *Irê Ayó*.

Assim, a Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, uma escola de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental em 1999, começou a trabalhar com o Projeto Pedagógico *Irê Ayó*, de Carlos Petrovich e Vanda Machado<sup>10</sup>. Mesmo com essa mudança, a escola continuou tendo nos alunos o motivo principal para o desenvolvimento de um projeto que contém um currículo que valoriza a vivência dos alunos, e segundo Sônia Kramer (2003, p.168) a valorização e a flexibilidade do currículo é o fato essencial para o sucesso de qualquer proposta pedagógica.

Compreendo, assim, currículo ou alternativa curricular de forma ampla, dinâmica e flexível que é freqüentemente a maneira como se tem concebido uma proposta pedagógica. Identifico ambos os termos, portanto, relacionando-os à vida na escola, na creche, na pré-escola.

Dessa forma, a autora define currículo como uma base que sustenta todas as propostas que serão aplicadas e viabilizadas nas escolas, portanto de grande importância em qualquer instituição de ensino.

Atualmente, há de se considerar que, teoricamente os currículos contribuem para a aplicação do ensino de diferentes culturas, mas na prática é mais difícil essa afirmação, e pode-se constatar isso na dificuldade de aplicação da lei 10.639/03 em diversas escolas do país.

No Art. 26-A, a lei 10.639/03 destaca a obrigatoriedade do ensino da História da África e da Cultura Africana e Afro- Brasileira. “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.”

Em segunda, a lei esclarece o que significa o Ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira: “§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional resgatando a

---

<sup>10</sup> Vanda Machado é Doutora em Educação e Pesquisadora Associada da Universidade Federal da Bahia. Pesquisa a história e a cultura afro-brasileira. É também autora dos livros *Vivência e Invenção pedagógica – As crianças do Afonjá, Irê Ayó, Mitos Afro-brasileiros e Irê Ayó – caminho da alegria – educação das relações étnico-raciais*. Carlos Petrovich foi professor adjunto da UFBA, ator de teatro, cinema e TV. Autor de peças teatrais, livros, artigos publicados em coletânea e revistas especializadas.

contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil”.

A lei determinou o ensino da História da África e da Cultura Africana e Afro-Brasileira nas matrizes curriculares de todas as escolas brasileiras, e só então se voltou a pensar na inclusão da cultura negra nos currículos atuais, mas a lei ainda não está sendo cumprida como deveria, pois a História do Brasil sempre foi contada de maneira que a imagem do negro mostra-se de forma negativada, já que a História sempre foi contada na perspectiva dos colonizadores.

Destaca-se o que consta no segundo inciso (§ 2º) “Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras”.

Sendo a diversidade cultural do Brasil muito rica, é necessário que o currículo escolar seja mais abrangente e haja maior preparação principalmente por parte dos professores, pois o terceiro inciso diz o seguinte: [...] “Art. 79-B. “O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como *Dia Nacional da Consciência Negra*”.

Ainda existem alguns professores menos preparados que acreditam que, contando a História dos negros de forma superficial no dia 20 de novembro, que é o dia dedicado à Consciência Negra desde 1995, (data escolhida por ser o dia da morte de Zumbi, que foi a principal liderança do Quilombo dos Palmares e foi morto em 1695), e no dia 13 de maio, homenageando a Princesa Isabel por ter assinado a Lei Áurea (a qual extinguiu a escravidão no Brasil em 1888), já está cumprindo o seu papel.

Na verdade o que importa é que todos tenham o compromisso com uma proposta que busque superar as eventuais dificuldades que aparecerão no cumprimento de uma tarefa tão necessária, que é a de melhorar a educação do Brasil, não só no que se refere à história dos negros, mas também aos outros problemas sociais que são decorrentes dessa cultura curricular.

É preciso empenho e dedicação das escolas para que essa lei seja cumprida provocando, assim, efeitos positivos na educação. Silva (2009, p.101) questiona o

currículo como um texto racial, que não trata as diferenças como histórica e política e, sim, como subordinadas.

É através do vínculo entre conhecimento, identidade e poder que os temas da raça e da etnia ganham seu lugar na teoria curricular. O texto curricular entendido aqui de forma ampla – livro didático e paradidático as lições orais, as orientações curriculares oficiais, os rituais escolares, as datas festivas e comemorativas – está recheado de narrativas nacionais, étnicas e raciais. Em geral essas narrativas celebram os mitos de origem nacional, confirmam o privilégio das identidades dominantes e tratam as identidades dominadas como exóticas ou folclóricas.

Os currículos das instituições escolares brasileiras não deveriam tratar a questão da construção social da raça e da etnia, assim como as questões do racismo de forma tão simplista, já que o currículo determina o que se ensina nas escolas e são através desses ensinamentos que as crianças e os jovens se tornarão seres sociais.

É através do currículo que os grupos tentam estabelecer sua hegemonia, eles travam uma luta política para ter um lugar de destaque na sociedade e, a partir daí, o que conta são seus interesses individuais, desconsiderando o coletivo, segundo Narcimária C. P. Luz (2009, p. 352) o currículo brasileiro ainda não conseguiu suprir as necessidades educacionais que o povo brasileiro tem que é contar a importância que o negro teve na construção do Brasil nas áreas cultural, social, econômica e política.

Nas Américas, o Brasil representa um dos principais pólos irradiadores da civilização africana e, apesar das características dessa realidade que constitui o patrimônio histórico-cultural da nação, o Estado brasileiro, até hoje, não conseguiu absorver e integrar a sua diversidade cultural, numa proposta de política educacional.

O preconceito vem disfarçado dentro da escola até mesmo de forma curricular, como a maioria dos livros adotados pelas escolas, que usam a figura do negro de forma depreciativa, e os próprios alunos acabam se acostumando com isso e ao invés de aceitar sua cor, procuram embranquecer para ficarem parecidos com o modelo que lhes são mostrados nos livros didáticos.

Os livros não contam a história com o negro atuante, e, sim, de forma bem reduzida, contam a escravidão como um fato que aconteceu e acabou, desconsiderando que os descendentes desses escravos estão fazendo parte da

sociedade e merecem que sua vida seja igual à de qualquer cidadão brasileiro, independente de sua cor.

Quando é mostrada a figura negra, em livros didáticos ou de outra natureza, a personagem é retratada sempre como malvado, ou maltratado, ou representante do folclore, ou ainda em posições de trabalho subalternas como escravos ou serviçais.

As desigualdades existentes são reforçadas pela elite dominante que não aceitam que o negro seja integrado de forma igual na sociedade, pois, assim, passam a ser uma ameaça à sua situação de conforto, onde os melhores empregos, os melhores lugares na sociedade já têm dono, que são os filhos, parentes e amigos que fazem dos que parte da elite, e isso já é garantia de inclusão. A citação a seguir traduz o pensamento que a maioria das pessoas tem em relação ao negro hoje.

Podemos pensar que, atualmente, negros e brancos ocupam o mesmo lugar na sociedade, compartilham os mesmos direitos e possuem condições igualitárias de emprego, moradia, educação e lazer. No entanto, mesmo no século XXI, esta não é uma verdade absoluta. Ao contrário, o negro ainda ocupa um lugar inferior na casta social e o preconceito, mesmo que mascarado, grita. (SANTOS, 2009, p.17)

A autora relata como é difícil para o negro, ocupar um lugar de destaque na sociedade, que é quase impossível e, quando conquistado, foi em resultado de um esforço sobre humano e é posto sempre à prova, e, mesmo assim, ainda não está livre do preconceito.

Vários movimentos negros lutam hoje para que o acesso do negro à sociedade atual não lhe seja mais negado, é uma luta constante e ainda com muita negação, pois se trata de desconstruir uma realidade que ainda é vivida por muitos, e, embora possa parecer mentira, ainda é necessária muita luta para conseguir inserir o negro na sociedade de um país multirracial como o Brasil.



#### 4.1 O PROJETO PEDAGÓGICO QUE REVELA A MITOLOGIA AFRICANA

Segundo Petrovich e Machado (2004), os mitos são ricos pelo seu conteúdo, que além de exemplar, oferece um sentido lógico, criando situações para a aprendizagem significativa. Daí o sentido do Projeto *Irê Ayó* ser implantado na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, em 1999, marcando o início de uma educação sistêmica, tomando como referencial a cultura afro-brasileira.

Tendo como proposta básica desenvolver atividades de vivência pedagógica, que possibilite à criança a construção do conhecimento, excelência de desempenho na sociedade, sua integração cidadã, tendo como referencial a história, mitos e valores da cultura afro-brasileira do *Ilê Axé Opô Afonjá*.

Este projeto foi elaborado com o propósito de cultivar a cultura *nagô*, aplicando no processo de ensino-aprendizagem construtivismo, que segundo Lopes, na revista Nova Escola, 2001, é a “Concepção teórica que parte do princípio de que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelas ações mútuas entre o indivíduo e o meio”.

As referências da cultura afro-brasileira são levadas em consideração a partir da vivência da comunidade do Terreiro *Ilê Axé Opô Afonjá*. Petrovich e Machado (2004, p.12) descrevem assim a aplicação do seu Projeto na escola.

Dizendo de outro modo, o Projeto Político Pedagógico *Irê Ayó* inspirado em nossa dissertação de Mestrado *Ilê Axé, Vivência e Invenção Pedagógica*, está implantado na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, tendo como seu fazer principal experienciar a elaboração de conhecimentos, considerando princípios e valores da cultura afro-brasileira.

Este projeto considera os princípios e valores da cultura afro-brasileira, em todo o processo de ensino-aprendizagem dos alunos da escola e da comunidade de um terreiro que tem as raízes negras bem profundas e são cultivadas até os dias atuais. Nesse contexto também se inclui o valor de ciência na cultura *nagô*, como bem expressam Petrovich e Machado (2004, p.19).

A escola precisa aproximar ainda a cultura da ciência, do conhecimento tecnológico e da reflexão filosófica. Só assim pode ser devolvida ao

afrodescendente a dignidade que nos foi sonegada pela escola desde os primórdios da colonização portuguesa.

Para que essa cultura seja vivenciada na escola o Projeto *Irê Ayó* utiliza os mitos africanos e assim contam histórias da mãe natureza, que é a essência da cultura da África, os quais sempre foram passados de forma oral.

A partir dos estudos de Petrovich e Machado, que tiveram a ideia de recontar esses mitos e também transformá-los em livros que proporciona aos leitores momentos agradáveis do lúdico e cultura, os mitos passam a fazer parte do currículo da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, que é uma das escolas de referência no ensino da cultura afro-brasileira em Salvador, pois esses mitos são usados para facilitar o aprendizado de crianças afrodescendentes tendo como base a cultura dos seus ancestrais.

É importante contar a história elevando os heróis civilizatórios da cultura negra para os descendentes de escravos, que hoje vivem numa comunidade dentro de um terreiro de candomblé, em pleno século XXI, numa grande metrópole e ainda têm um jeito de viver baseado nos seus ancestrais e isso precisa ser valorizado, pois é uma riqueza cultural para toda a nação.

Ser negro é uma conscientização que o povo brasileiro precisa ter e só a educação conscientiza, portanto é necessário que as metodologias, que as propostas pedagógicas atendam a educação como um todo, sem deixar de fora às necessidades do povo baiano, que é em sua maioria afrodescendente.

A implantação desde 1999 do Projeto *Irê Ayó* na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, busca educar as crianças afrodescendentes, aproveitando as vivências culturais e a sabedoria milenar da cultura afro-brasileira das pessoas que fazem parte da comunidade do Terreiro *Ilê Axé Opó Afonjá* e isso tem como resultado a qualificação do Ministério da Educação e Cultura (MEC) como escola de referência afrodescendente e premiação no Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdades (CEERT)

A Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos tem um projeto político pedagógico diferenciado dos demais, saindo do modelo ocidental de educação

presente na maioria das escolas para o modelo que enaltece a cultura nagô, valorizando assim a população da Bahia que é considerada a que tem o maior número de negros fora da África, e ainda tem uma educação que exclui quem não tem a pele branca e com isso desconsidera toda a diversidade existente na formação do povo brasileiro, pois a partir do momento em que as diferenças não são respeitadas, elas se tornam excludentes, e, assim, só quem se beneficia é a minoria que ainda tem o poder, perpetuando, o sistema de dominação da elite sobre a maioria que é negra e pobre.

O conto dos mitos africanos do Projeto *Irê Ayó* faz parte do currículo da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, uma escola que valoriza os rituais africanos, a vivência e os valores da comunidade do Terreiro *Ilê Axé Opó Afonjá* e estes são abordados de maneira que não influencia religiosamente, pois, mesmo funcionando num terreiro, a escola não está voltada a nenhuma proposta de conversão religiosa. É possível constatar isso na diversidade de religiões dos alunos que frequentam a escola e também dos professores e demais funcionários. Essa forma de ensino contribui para a boa formação de cidadãos conscientes, despidos de preconceitos e contribuinte para uma sociedade mais justa.

Os mitos trabalham histórias riquíssimas e envolvem os problemas da natureza da história, da cultura e da magia Afro-brasileira, se fala de arte, de ciência e é possível levar isso para a formação da cidadania dos alunos afrodescendentes. O Projeto *Irê Ayó* tem como missão construir uma representação real do negro, reescrevendo a sua verdadeira contribuição na história, diferente do que acontece na maioria dos livros didáticos que tem uma abordagem preconceituosa em relação ao negro. O racismo é um problema histórico e, por isso, está presente nestes livros.

O povo negro teve a sua história negada, então a Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos resgatou isso através dos mitos africanos, mostrando qual a importância da cultura afro-brasileira na vida de afrodescendentes.

A proposta da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos é o resgate da cultura afro-brasileira, e tem na aplicação do Projeto *Irê Ayó*, no processo de ensino-aprendizagem e nos aspectos culturais do Terreiro *Ilê Axé Opô Afonjá*, com a sua geografia, suas histórias, mitos e costumes, referenciais importantes.

Desse modo, a criança aprende a se valorizar e a respeitar as diferenças existentes se aceitando e aceitando o outro, construindo a sua identidade e desenvolvendo sua autonomia, a escola atinge o seu objetivo, a sociedade recebe um cidadão consciente realizando, assim, o processo educativo.

#### 4.2. OS PROFESSORES DA ESCOLA EUGÊNIA ANNA DOS SANTOS

Vivencia-se uma nova realidade na história brasileira. A ênfase aos conteúdos sobre a história da África e dos afro-descendentes exige mudanças na formação acadêmica dos professores, considerando que as universidades ainda privilegiam a cultura ocidental européia, mesmo depois de ser promulgada a lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação do Ensino Fundamental e Médio

A Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos não precisou que fosse decretada uma lei para que essa realidade fosse diferente, pois desde o seu começo, como a *Mini Obá Biyi*, que a história do negro é contada, desconsiderando as teorias racistas.

Nas respostas dadas à entrevista, a professora da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos deixa claro que a luta dos professores para manter-se atualizado é muito difícil, pois ela já trabalha na escola há mais de 5 anos e ainda não cursou uma Pós-Graduação, mesmo sendo a Escola Eugênia Anna dos Santos referência no ensino da cultura afro na cidade de Salvador.

A Rede Municipal de Ensino ainda não oferece projeto de formação permanente, nem de atualização para os professores e esse tipo de ação faz-se necessário para os professores em geral.

A aplicação de melhorias desse tipo, além de proporcionar avanços na escolaridade dos professores, o que garantiria um desempenho melhor na sua

carreira profissional, também redundaria em aumento salarial, o que valorizaria a profissão, tornando o professor mais motivado.

A referida professora relata que a Escola Eugênia Anna dos Santos oferece condições culturais muito ricas, porém, como todas as escolas da Rede Municipal de Ensino, tem carência nas condições materiais.

Até no que diz respeito à aplicação da lei 10.639/03 a Rede Municipal não prepara os professores para atuarem em sala de aula, o diferencial da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos é que o Projeto *Irê Ayó* de Vanda Machado, empregado na escola, engloba também a formação dos professores, tornando-os qualificados.

É importante que a escola se preocupe com a formação dos professores e invista na qualificação deles, já que são essenciais para direcionar o aluno na construção do seu conhecimento. Nenhum professor pode se considerar pronto e acabado quando se trata de ensinar, é importante que eles se preparem para uma qualificação permanente, pois isso ajuda no desempenho das atividades de um educador.

O professor tem ainda um papel fundamental no processo de educação dos indivíduos e precisam estar capacitados para mediar a troca de saberes, já que ensinar não é apenas transmitir conhecimento, mas sim criar condições para que os alunos sejam estimulados a pensar. Deve-se levar em conta também, que o processo de ensino-aprendizagem depende muito da qualificação dos professores, da sua prática pedagógica e da sua formação.

O saber e a competência para o exercício profissional do professor são temas bastante discutidos atualmente e vários teóricos têm destacado espaço em seus trabalhos para essa questão, por ela ser importante na construção da identidade e do perfil do professor, assim Ana Célia da Silva (*apud* SILVA e SILVA 2007, p.75) entende o papel do professor da seguinte maneira: “Acreditamos que o professor possa vir a ser um agente desmistificador das ideologias que a escola veicula, bem como de um ensino que evidencie os vários processos civilizatórios e culturais aqui existentes”.

A autora destaca o papel do professor como algo essencial na formação dos alunos e também como um agente importante a serviço da escola.

E ao professor ainda lhe cabe o papel de mediador entre as políticas da educação e a sua aplicação na sala de aula, pois, através do seu conhecimento e da escolha do livro didático, ele pode, com a sua visão crítica, denunciar alguns erros ainda constantes nesses manuais, como por exemplo, os conteúdos racistas.

A maioria das escolas continua usando esses livros e contando a história do negro de forma superficial, mesmo com a promulgação da lei 10.639/03.

Geralmente a história da África é abordada nas escolas de forma errônea, por conta dos conteúdos dos livros didáticos e a sociedade elitista se cala a respeito da importância da história e da cultura africana, então, com o emprego correto da lei 10.639/03 por parte do sistema de ensino é possível que a questão étnica no Brasil seja aprofundada de modo que contribua positivamente para os grupos formados por pobres e excluídos, que, em sua maioria são negros.

A realidade dos professores brasileiros, principalmente na Bahia, é que poucos têm se aproximado da diversidade cultural do seu país, é raro encontrar professores que tenham uma formação direcionada para cultura afro apesar de ser tão presente no seu dia-a-dia, e são poucos os professores que se interessem em estudar as manifestações tradicionais e populares dos negros, povo que contribuiu tanto para a construção do Brasil.

Na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, onde a cultura do negro é valorizada e se torna o centro do currículo local, a formação dos professores precisa ser contínua, e ele precisa ser comprometido com a escola e com os alunos e ter conhecimento da política atual, que envolve a escola e a cultura da mesma, o Projeto *Irê Ayó* de Vanda Machado, empregado na escola desde 1999, prepara os professores para atuarem em sala de aula, mas, salienta-se que nas escolas que não tem esse Projeto o professor também precisa ser capacitado.

Há de se reconhecer a importância da formação do professor, pois o sistema social precisa mudar e atender às mudanças que a educação carece, é exigido do docente novos padrões, e a construção de um novo perfil profissional, de nova

identidade, tanto no sentido de atender às necessidades mutáveis da sociedade, quanto às inerentes das questões culturais. Paulo Freire (2007, p.42) também faz referência à importância dos saberes docente na formação dos alunos.

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo.

Além de ser um professor que tenha consciência do seu papel de educar de uma forma livre de preconceitos, sabendo que as relações do poder influenciam na criação de situações discriminatórias, o professor precisa fortalecer os alunos culturalmente para que eles possam desenvolver-se como integrante da sociedade. Ana Célia Silva critica o modelo de escola que só existe nos moldes do Ministério de Educação e Cultura (MEC), pois a realidade dos alunos que frequentam a escola pública é bem diferente.

O professor é preparado para ensinar a um aluno ideal que quase não existe na escola pública. Esse aluno traria consigo os valores da classe dominante, porque em sua maioria pertenceria às classes médias, e não apresentaria problemas maiores de aprendizagem, porque fala a mesma linguagem do professor. (SILVA, 2004, p. 74)

E, assim, os alunos que frequentam a escola pública, que pertencem à classe baixa, não têm suas necessidades educacionais atendidas.

A partir das respostas dos 15 alunos da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, dadas à entrevista, pode-se extrair as seguintes informações: que todos moram no bairro de São Gonçalo; sendo que a maioria sempre estudou na referida escola, com exceção de uma aluna que está cursando o 3ºano, sendo 2010 o seu primeiro ano na escola. Conclui-se, portanto, que a escola atende a uma grande parte dos moradores do bairro e que os pais depositam confiança nesta instituição.

Dos alunos entrevistados, apenas um é morador do Terreiro *Ilê Axé Opó Afonjá* e tem o Candomblé como religião, os demais se declaram evangélicos, ou não declaram pertencer ou seguir uma religião. Dessa forma, conclui-se que, apesar de a escola está inserida num Terreiro de Candomblé e haver a aplicação de um projeto pedagógico que busca resgatar a cultura afro, que inclui a religião Candomblé, todos, independentemente, da religião que declarem seguir ou pertencer, são bem recebidos e sentem-se à vontade.

Em relação à pergunta sobre que cor de pele declarava ter, todos disseram ser negros e demonstraram segurança no momento da resposta. Desta forma, percebe-se que a influência exercida pela escola quanto a alertar para a necessidade de que todos se aceitem como são independentemente da cor da pele, têm surtido resultados satisfatórios.

Por fim, todos os entrevistados disseram que gostam de estudar na Escola Eugênia Anna dos Santos, que gostam dos professores, enfim, de tudo.

As dificuldades de aprendizagem, que rodeiam o ensino dos alunos da rede pública têm na formação dos professores um ponto alto, já que os professores são preparados para uma realidade que é muito diferente do que vai encontrar nas escolas. Também, levando em consideração a ausência de conteúdo que tratam da história do negro nos currículos das escolas, tudo se torna mais difícil.

Então, para vencer esses empecilhos é imprescindível possibilitar a qualificação de profissionais competentes da rede pública e privada de ensino para lidar com a temática das relações étnico-raciais, propiciando e incentivando à pesquisa, disponibilizando materiais didáticos para que os professores tenham uma formação adequada para lidar com as diversidades que encontrarão nas escolas.

Na sociedade brasileira o negro luta para fazer parte da sua própria história e poder contar a sua importância na construção do Brasil, e isso parece ser uma ameaça à elite dominante, já que os livros didáticos não contam este fato e isso dificulta a ação do professor.

Para que os professores sejam capazes de exercer o seu papel em sala de aula em pleno século XXI, mesmo com a existência da lei 10.639/03 que obriga que essa história seja contada, é preciso que ele seja também preparado, que se livre de todo o resquício de uma formação repressora, para então poder trabalhar com a questão racial na sala de aula, pois situações preconceituosas surgirão no cotidiano da escola, e cabe ao professor promover a interação, para assim romper com o preconceito e a discriminação.

É essencial que o próprio negro se aceite como negro em meio a toda essa história de racismo, exclusão e preconceito da sociedade, e essa questão para o



professor negro é muito delicada, pois ele precisa ter consciência do seu “eu” e da sua identidade, além da consciência da necessidade e importância da implementação da lei 10.639/03 e do cumprimento da mesma.

Dentre os vários mitos que compõe o Projeto *Irê Ayó*, destaca-se “A Transformação da Conquén” que se refere às mudanças, para melhorias de uma situação que não se sustenta mais, o que se compara como a negação da cultura afro-brasileira no processo de ensino aprendizagem.

Certo dia, ela mesmo compreendeu que estava demais. Era necessário transformar aquela situação. A conquén, então, lembrou que ali perto morava um *oluwo*. O *oluwo* era uma pessoa que vivia dando conselhos a todos que o procuravam. Ela resolveu ir procurá-lo também, para receber orientação sobre o que estava acontecendo em sua vida. (Petrovich e Machado, 2004, p.51)

É possível mudar essa história, mas a única arma eficiente é a educação, é preciso que o Estado reconheça os erros e a necessidade de mudanças, o sistema educacional precisa ser transformado, porque se a sociedade continuar sendo omissa a questão do preconceito, em nada ajudará as contemplanções de obrigatoriedade no combate ao racismo. É necessário ainda editar novos livros didáticos, material pedagógico com conteúdo adequado, além de oferecer formação de qualidade aos educadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaca-se como ponto positivo a criação de uma instituição de ensino dentro de um Terreiro de Candomblé, pois isso possibilita atender a proposta da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, no que diz respeito a inserir o estudo da história e cultura africana no contexto escolar, e ajuda a não deixar se perder os saberes africanos, que passam de geração em geração, o qual se mantém viva até os dias de hoje.

A aplicação do Projeto *Irê Ayó* na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos representa uma experiência educativa que deu certo e que é hoje uma referência importante para o ensino da cultura afro-brasileira.

O esforço e o interesse de muitos resultaram na normalização dessa escola que hoje integra a rede formal de ensino, fazendo uso dos mitos africanos para contar a história da África e do seu povo, que é forte e resistente, e que não deixou sua cultura se perder.

O Projeto *Irê Ayó* de Carlos Petrovich e Vanda Machado tem como base os vários contos mitológicos da vertente afro-brasileira, grande parte protagonizada pelas divindades da cultura afro, que são os *Orixás*. Esses mitos contam as histórias dos heróis africanos, exaltando os valores civilizatórios que regem esta cultura.

O emprego deste Projeto na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos é exemplo de preservação e propagação da cultura afro e uma iniciativa significativa para a educação baiana, visto que valoriza o cotidiano, a vivência dos alunos, que em sua maioria são negros.

O resgate da história da África é muito importante para a cultura do povo brasileiro, é importante saber do passado, pois isso ajuda no planejamento do futuro e a entender o presente. Há de se agradecer as pessoas que ao longo do tempo dedicaram suas vidas em contar essa História, eles são os verdadeiros heróis e heroínas.

A partir da valorização da cultura da África analisa-se como a educação brasileira precisa melhorar para atender à clientela das escolas públicas de Salvador, visto que muito ainda falta para que ela se torne de qualidade, e, enquanto isso não acontece, os negros continuam sofrendo as discriminações que uma sociedade sem consciência continua praticando.

A aplicação do Projeto *Irê Ayó*, desde 1999, na Escola Eugênia Anna dos Santos tem servido para alertar a sociedade no que diz respeito à necessidade de resgatar, preservar e propagar a cultura negra, que está diretamente ligada à formação do povo brasileiro.

Esta pesquisa que analisou o Projeto Pedagógico da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos e a sua influência no desempenho dos alunos, apresenta o Projeto *Irê Ayó* como parte muito importante para o entendimento da educação que, além de trabalhar com o conteúdo cognitivo, também leva em consideração a convivência e vivência no processo de ensino-aprendizagem e que cuida para que o aluno seja incluído na escola, assim como na sociedade, como um cidadão consciente.

Mostra-se familiaridade com o ambiente a partir da descrição da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos que é inserida no Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, tombado pelo patrimônio histórico, entende-se que nessa instituição, o aluno afrodescendente torna-se ciente da sua história, pois, os valores cultivados são aplicados na sua rotina e isso o ajudará a reconhecer-se enquanto sujeito atuante numa sociedade plural da qual ele faz parte.

Quando se torna possível a Identificação dos aspectos de características peculiares do Projeto Pedagógico da Escola Eugênia Anna dos Santos, é possível chamar a atenção das demais instituições para a aplicação de uma proposta que atenda a necessidade de se contar a história do negro nas escolas, já que o livro didático ainda não o faz.

Destaca-se a importância da formação dos professores das escolas públicas, pois, com professores capacitados é possível acontecer a concretização da educação ideal, salienta-se que os educadores, podem trabalhar em prol de uma

educação que cultive a esperança de respeito à pluralidade social, na qual a desigualdade exista como forma de permitir a expressão da individualidade, e a igualdade represente o acesso livre a uma educação de qualidade.

Acredita-se que é possível quebrar as barreiras que impedem que a cultura negra seja aceita e valorizada, pois, as resistências não se justificam, a sociedade não pode mais negar a diversidade étnica cultural que caracteriza a população brasileira.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Anne. **Ludicidade como Instrumento Pedagógico**. Disponível em: <<http://www.cdof.com.br/recrea22.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2008.
- BAHIA, Secretaria do Turismo da. **Turismo Étnico-Afro na Bahia**. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2009.
- [br/vivendo-polo.php?cod\\_area=4&cod\\_polo=83](http://www.cdof.com.br/vivendo-polo.php?cod_area=4&cod_polo=83)> . Acesso em 26 ago. 2010.
- D'ÁVILA, Cristina Maria. Eclipse do Lúdico. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**. Salvador, volume 15, nº 25, p.15-25, jan/jun, 2006.
- DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYREL, J. (org.) **Múltiplos olhares sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1996. P. 137-161.
- ERNY, Pierre. **Etnologia da Educação**, Rio de Janeiro Zahar, 1982.
- FERREIRA, Jacson. Desta para melhor. In: FIGUEIREDO, Luciano. (Org.). **A era da escravidão**. Rio de Janeiro: Sabin, 2009. p. 13-19.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 46 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- ILÊ AXÉ OPÔ AFONJÁ**. Disponível em:< <http://cultura.gov.br/site/2010/07/13/ilê-axe-opo-afonja/>>. Acesso em: 29 jul. 2010.
- KRAMER, Sônia. Propostas pedagógicas ou curriculares: Subsídios para uma leitura crítica. In: MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. (Org.). **Currículo: Políticas e práticas**. 6 ed. São Paulo: Papyrus, 2003 p. 165-183.
- LEI 10.639/03**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 28 jul. 2010.
- LOPES, Josiane. **Afinal, o que é construtivismo?** Revista Nova Escola. [S.l.], nº 139, jan/fev, 2001.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. "OROPA, FRANÇA, BAHIA": Insurgência negra e a pedagogia do embranquecimento. In: NASCIMENTO, Antonio; HETKOWSKI, Tânia. (Orgs.). **Educação e Contemporaneidade: Pesquisas Científica e Tecnológica**. Salvador: EDUNEB, 2009. p. 322-353.

PETROVICH, Carlos; MACHADO, Vanda. **Ilê Ifé: O sonho do Iô Afonjá**. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2002.

PETROVICH, Carlos; MACHADO, Vanda. **Irê Ayó: mitos afro-brasileiros**. Salvador: EDUFBA, 2004.

SANTOS, J. R. dos; SOARES, P.R.R.; FONTOURA, L.F.M. **Análise de conteúdo: a pesquisa qualitativa no âmbito da geografia agrária**. In: XXIV Encontro Estadual de Geografia. Santa Cruz do Sul- RS UNISC. 2004.

SANTOS, Jocélio Teles dos (Coordenador). **Mapeamento dos terreiros de Salvador**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, 2008.

SANTOS, Luislinda Dias de Valois. **O negro no século XXI**. Curitiba: Juruá, 2009.

SANTOS, M. Deoscoredes; LUZ, Marco Aurélio. **O Rei nasce aqui - Obá Biyi: a educação pluricultural africano- brasileira**. Salvador: Fala Nagô, 2007.

**SÃO GONÇALO**. Disponível em: < <http://www.culturatododia.salvador.ba.gov>.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Mauricio. **Memória D`África: a temática africana em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ana Célia. **A discriminação do negro no livro didático**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2004.

SILVA, Angélica Maria da; SILVA, Cláudia Rocha da. Elos entre educação e contemporaneidade na Bahia. In: LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. (Org.). **Tecendo Contemporaneidades: Pontos de Diálogos sobre Educação e Contemporaneidade**. Salvador: EDUNEB, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

[www.webtv.uneb.br](http://www.webtv.uneb.br)

## **APÊNDICE – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DA ESCOLA EUGÊNIA ANNA DOS SANTOS**

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA COM OS PROFESSORES DA ESCOLA EUGÊNIA ANNA DOS SANTOS.

1. QUANTO TEMPO ESTÁ NESSA ESCOLA?

( ) MENOS DE 5 ANOS

( ) MAIS DE 5 ANOS

2. QUAL A SUA FORMAÇÃO?

GRADUAÇÃO ( )

PÓS-GRADUAÇÃO ( )

OUTROS ( )

3. NA ESCOLA, HÁ PROJETOS DE FORMAÇÃO PERMANENTE PARA OS PROFESSORES?

SIM ( )

NÃO ( ).

4. VOCÊ DESEJA ALGUM TIPO DE CAPACITAÇÃO COMO PROFESSOR?

SIM ( )

NÃO ( )

5. A ESCOLA OFERECE CONDIÇÕES MATERIAIS E CULTURAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DE SUAS FUNÇÕES?

SIM ( )

NÃO ( )

6. VOCÊ TEVE UMA CAPACITAÇÃO DIRECIONADA PARA A APLICAÇÃO DA LEI 10.639/03?

SIM ( )

NÃO ( )

7. ESSA CAPACITAÇÃO REDUNDA EM AVANÇO NA SUA

( ) ESCOLARIDADE

( ) CARREIRA PROFISSIONAL

( ) SALÁRIO

## ANEXO A – MITO A TRANSFORMAÇÃO DA CONQUÉN

### A Transformação da Conquén

Era uma vez, no início do mundo, quando todos os bichos falavam. Os bichos, as árvores... as pessoas... todos procuravam se comunicar e se entender do melhor jeito possível. Sendo assim, muita coisa era resolvida com uma boa conversa.

No princípio do mundo, era uma vez uma conquén que vivia ciscando e olhando apenas para o que fazia, sem se envolver com ninguém. Passava o dia todinho a reclamar gritando: Tô fraco! Tô fraco! Tô fraco. A sua cor era cinzenta e não tinha graça nenhuma.

Pobre conquén, nada de novo acontecia na sua vida. E cada dia ela estava mais insatisfeita... Ela ficava cada vez mais zangada.

Certo dia, ela mesmo compreendeu que estava demais. Era necessário transformar aquela situação. A conquén, então, lembrou que ali perto morava um *oluwo*. O *oluwo* era uma pessoa que vivia dando conselhos a todos que o procuravam. Ela resolveu ir procurá-lo também, para receber orientação sobre o que estava acontecendo em sua vida... Ela vivia muito nervosa.

De longe, ouviam-se seus gritos: Tô fraco! Tô fraco! Tô fraco...

O *oluwo* a recebeu. Depois de ouvir atentamente as suas queixas, falou pausadamente:

– Todo seu problema é este seu jeito horrível de tratar as pessoas. O meu conselho é que você mude os seus hábitos e suas atitudes imediatamente. Tratar bem as pessoas nos traz alegria e bem-estar. Preste atenção às pessoas, principalmente àquelas que você encontra pela primeira vez. Vou lhe ensinar umas palavras mágicas. Você vai ver como tudo vai se transformar.

A conquén estava muito mal mesmo, pensava e gritava: eu quero me transformar. Eu vou mudar. Eu vou mudar. Agradecida, deu um punhado de *kauri* ao *oluwo* e partiu.

Já na manhã seguinte, quando ela despertou, foi olhando para a cajazeira e cumprimentando-a: “*kuwaró*”. A cajazeira espantada respondeu: *kuwaró ô!*

Mais adiante, encontrou dois patinhos que estavam no seu caminho. Ela falou antes de passar entre eles: *agô!* Eles deram passagem à nova amiga, respondendo como de costume: *agô ya*.

Um grupo de conquéns passou apressado para o trabalho e ela desejou simpaticamente: *Ku ixé!* O grupo todo agradeceu em coro: *Adupé ô*.

Na verdade, aquele dia parecia completamente diferente. Ela parou um pouco, já no caminho de casa. Era noite, todos a olhavam como se a vissem pela primeira vez. E foi logo cumprimentando a turma, com a maior cortesia: *Kualé!* Todos responderam: *Kualé. ô!*

Depois de um pouquinho de prosa de *nagô*, a conquén não esqueceu a despedida e falou com alegria: “*adolá!*” Foi uma beleza a transformação da conquén. Foi tanto que, no dia seguinte, ela encontrou *Oxalá* no seu caminho. Ela tratou *Oxalá* com toda ternura e educação. De tudo que ela trazia consigo entregou para o velho *Oxalá*. Imagine como *Oxalá* ficou contente em receber tanta atenção.

Foi aí que, para demonstrar seu agrado, Ele tirou de sua bolsa um pozinho mágico e pintou a conquén todinha com umas bolinhas brancas. E pegou um montinho de barro, amassou e colocou no cocoruto da conquén. Assim, a conquén ficou marcada como um bicho da predileção de *Oxalá*.



A partir daquele dia, todos buscavam a sua companhia e conversavam muito com ela. E sempre despediam-se com muita alegria.

E percebeu-se que todas as conquêns do mundo apareceram com um pitombinho na cabeça e as pintinhas brancas dadas por *Oxalá*.